



## **GIGANTES DA RESISTÊNCIA: Discutindo representatividade indígena no contexto do PIBID**

DUTRA SANTOS DA MOTA, Sophia<sup>1</sup>  
SILVA FREITAS, Rainara<sup>2</sup>  
LEITE NUNES, Samilly<sup>3</sup>  
PORTO MENEZES, Breno<sup>4</sup>  
SANTOS CORREIA ROSA, Isabela<sup>5</sup>

**RESUMO:** Em um contexto marcado por invisibilização históricas, discutir a representatividade indígena no ensino de Biologia torna-se um movimento de resistência e de ampliação das perspectivas na formação docente. Neste sentido, este artigo objetiva relatar a experiência da oficina intitulada “Gigantes da Resistência”, desenvolvida com estudantes da educação básica, refletindo sobre suas contribuições para a formação inicial de professores de Biologia e para a promoção de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade cultural. A abordagem caracteriza-se de natureza qualitativa e descritiva, fundamentado-se na autorreflexão da prática docente. A oficina foi realizada no Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral Duarte, no âmbito do PIBID. A partir do uso da gamificação, buscou-se desconstruir estereótipos sobre povos indígenas e fortalecer o enfrentamento ao epistemicídio. Para tanto, as atividades foram estruturadas em dois momentos, integrando o uso de infográficos baseados em lideranças contemporâneas e a aplicação de um bingo pedagógico. Durante a execução da oficina, foi observado que a dinâmica lúdica ressignificou a postura passiva dos estudantes, incentivando a mobilização ativa de conhecimentos. Os retornos obtidos indicou que o interesse dos estudantes por temas como representatividade feminina e ciência ancestral evidencia a necessidade de problematizar currículos marcados por perspectivas eurocentradas. Por fim, a experiência revelou que o planejamento de atividades lúdicas, mediadas pela gamificação, favoreceu tanto a sensibilização dos estudantes para o enfrentamento do epistemicídio quanto a formação docente, ao incentivar práticas pedagógicas críticas e comprometidas com a educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** biologia; relações étnico-raciais; povos indígenas; epistemicídio; formação docente.

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura Ciências Biológicas, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, [sdutrasmota@academico.ufs.br](mailto:sdutrasmota@academico.ufs.br)

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura Ciências Biológicas, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, [rainarasf@academico.ufs.br](mailto:rainarasf@academico.ufs.br)

<sup>3</sup> Graduando em Licenciatura Ciências Biológicas, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, [samillyleite@academico.ufs.br](mailto:samillyleite@academico.ufs.br)

<sup>4</sup> Graduando em Licenciatura Ciências Biológicas, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, [breno\\_menezes@academico.ufs.br](mailto:breno_menezes@academico.ufs.br)

<sup>5</sup> Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências/Professora do Departamento de Biologia, Coordenadora de área do PIBID, Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, [isabelarosa@academico.ufs.br](mailto:isabelarosa@academico.ufs.br)



## 1 INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) caracteriza-se como um espaço de imersão na educação básica de ensino, permitindo que a formação docente ocorra no diálogo constante entre a teoria acadêmica e a prática na educação básica de ensino. Essa articulação permite relacionar os conhecimentos teóricos construídos na universidade com as demandas da sala de aula, possibilitando a problematização e a reflexão de lacunas curriculares presentes, levando à análise e soluções de estratégias pedagógicas que possam preencher esse espaço.

Entre essas lacunas, se destaca a necessidade de abordar as temáticas relacionadas à diversidade cultural e às desigualdades históricas presentes na sociedade brasileira.

Nesse cenário de formação, voltada para a transformação social, torna-se necessário o ensino sobre as Relações Étnico-Raciais (ERER). A ERER fundamenta uma educação comprometida com a valorização da diversidade e o enfrentamento ao racismo estrutural. Nesse sentido, a Lei nº 11.645/08 estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, buscando ampliar a compreensão sobre a pluralidade do país e promover uma educação crítica e inclusiva.

Dessa forma, a implementação dessa legislação enfrenta o desafio de romper com um ensino historicamente eurocentrado. Segundo Quijano (2005), a colonialidade do poder estabeleceu uma hierarquia onde apenas o conhecimento produzido na Europa é validado como ciência, enquanto os saberes tradicionais são marginalizados. Esse processo de exclusão e silenciamento das matrizes de conhecimento não europeias é o que Sueli Carneiro (2005) define como epistemicídio, o apagamento sistemático de saberes e da capacidade de produção intelectual de povos historicamente oprimidos, como os indígenas e africanos.



Portanto, ignorar a importância desses saberes reforça uma visão de mundo limitada, que apaga a contribuição dos povos tradicionais na construção da sociedade. Diante desse contexto, este trabalho objetiva relatar a experiência de uma oficina, intitulada “Gigantes da Resistência: Conhecendo Personalidades Indígenas que Fizeram História”, desenvolvida com estudantes da educação básica, refletindo sobre suas contribuições para a formação inicial de professores de Biologia e para a promoção de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade cultural.

## 2 METODOLOGIA

Este trabalho, de cunho qualitativo e descritivo, é estruturado sob a modalidade de relato de experiência. O trabalho foi desenvolvido no âmbito do PIBID, realizado na escola-campo no Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral Duarte, em Aracaju, Sergipe. A oficina ocorreu durante o evento "ConscientizaDom: resgatando a ancestralidade e construindo uma escola antirracista", projeto da unidade escolar, e contou com a participação de 25 estudantes do Ensino Médio, numa duração total de duas horas, sendo organizada em dois momentos distintos.

No primeiro momento da oficina, foi realizada uma exposição resumida sobre as contribuições e o papel contemporâneo das personalidades indígenas selecionadas, como Ailton Krenak e Joenia Wapichana. Para auxiliar na sistematização do conteúdo, foram distribuídos infográficos estruturados com informações sobre quem são essas personalidades, suas áreas de atuação e seus principais feitos, cabendo aos estudantes a leitura e a análise dos dados apresentados. No segundo momento, a fim de consolidar o aprendizado de forma lúdica, promoveu-se um "bingo pedagógico". A atividade consistiu no sorteio de perguntas relacionadas aos infográficos, algumas de apenas uma resposta certa e outras mais subjetivas voltadas à promoção de debate entre os estudantes. Isso exigiu que os estudantes respondessem as questões sobre as personalidades apresentadas, e após cada pergunta, era realizado o sorteio de um número, permitindo o avanço nas etapas do jogo. Como forma de incentivar o engajamento e a interação durante a atividade, foi prevista uma premiação simbólica, doces, para aqueles que alcançassem melhor desempenho no decorrer da dinâmica e etapas do



bingo. Ao final da dinâmica, os doces restantes foram compartilhados com toda a turma.

A seleção das 10 personalidades indígenas contemporâneas foi fundamentada no e-book '*Raízes: 10 personalidades vivas indígenas que fazem história*', publicado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos (2024). A escolha deste material justificou-se por sua proposta pedagógica e social de evidenciar o protagonismo de lideranças originárias em diversas esferas estratégicas da sociedade contemporânea, contrapondo-se à visão folclórica frequentemente reproduzida no ambiente escolar.

A análise da experiência foi fundamentada na autorreflexão da dupla pibidiana, bem como na observação sistemática da prática desenvolvida. Esse processo reflexivo baseou-se no desempenho dos estudantes durante a atividade, observando o engajamento nas respostas e a interação com o material didático proposto.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da intervenção foram expressivos e revelaram o alto potencial de engajamento dos estudantes do Ensino Médio quando submetidos a práticas pedagógicas que desafiam o modelo tradicional de ensino. A primeira etapa da oficina, dedicada a desconstruir a visão estereotipada do indígena como um "ser do passado" ou restrito ao ambiente silvestre, mostrou-se fundamental para romper com o que Aníbal Quijano (2005) aponta como a colonialidade do saber. Ao apresentar personalidades indígenas contemporâneas atuantes em campos de protagonismo político com Joenia Wapichana e Sônia Guajajara; na educação e na valorização da história indígena, por meio das literaturas produzidas por Daniel Munduruku; nas artes e na crítica ao preconceito, evidenciada nas obras de Denílson Baniwa; e na defesa do meio ambiente, ciência e resistência defendido por Ailton Krenak, Alessandra Munduruku, Cacique Raoni, Davi Kopenawa e Tuiré Kayapó. A intervenção buscou tensionar diretamente as narrativas eurocêntricas que historicamente invisibilizam esses povos a uma imagem restrita ao passado.

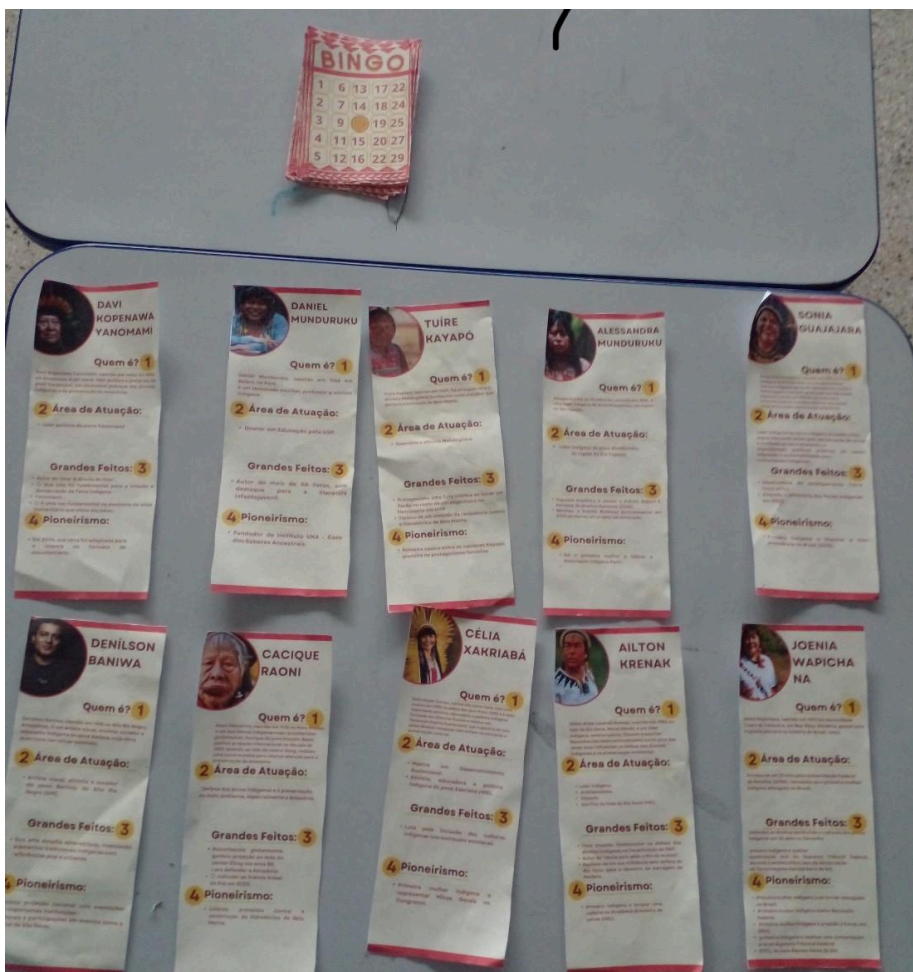
Na segunda etapa, a adoção do "Bingo Indígena" como estratégia de gamificação, demonstrou que a dinâmica da sala de aula pode ser ressignificada. Diferente de uma postura passiva, criticada por Krasilchik (2004), no contexto do ensino de Ciências e Biologia, a gamificação exigiu a mobilização ativa dos



conhecimentos. Ao condicionar a marcação da cartela ao debate coletivo e à reflexão crítica, o jogo funcionou como um dispositivo disparador. Essa abordagem vai ao encontro do que Bell Hooks (2013) defende como uma "pedagogia engajada", visto que a sala de aula tornou-se um espaço de entusiasmo e de escuta ativa.

A materialidade das reflexões aqui discutidas pode ser observada nos registros fotográficos da intervenção (Figuras 1 e 2). As imagens, capturadas no contexto das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na escola-campo e com o devido consentimento legal para uso acadêmico, ilustram as etapas da oficina e o engajamento dos estudantes durante a realização do 'Bingo Indígena'. A inclusão desses registros visuais não apenas documenta a execução da proposta metodológica, mas também evidencia a dinamicidade e a participação ativa da turma, corroborando o impacto positivo da intervenção.

**Figura 01.** Infográficos das personalidades indígenas e cartelas do "Bingo Indígena".



Fonte: Acervo dos autores, 2025.



**Figura 02.** Realização da dinâmica gamificada com os estudantes do Ensino Médio.



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

Notou-se, como ponto relevante da intervenção, a nítida preferência dos discentes pelas perguntas subjetivas, que abordavam temas como a representatividade feminina em espaços de poder pela liderança de Tuíre Kayapó e Célia Xakriabá, e na urgência climática e contraposição entre a ciência ancestral de Davi Kopenawa e a ciência ocidental. Esse interesse evidencia a abertura para o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, princípio discutido por Luciano (2011) ao defender uma educação intercultural baseada na valorização simultânea dos saberes indígenas e científicos. Como aponta Krasilchik (2004), a formação do estudante deve ultrapassar a memorização de conceitos, alcançando a compreensão das dinâmicas sociais e ambientais. Ao debaterem a validade dos saberes ancestrais, os alunos puderam exercitar um olhar crítico sobre o epistemicídio científico, reconhecendo outras formas de produzir conhecimento e ler o mundo.

Nesse sentido, o aprofundamento das discussões durante o jogo revelou a necessidade urgente de confrontar o que Sueli Carneiro (2005) conceitua como epistemicídio, mecanismo brutal operado pelas epistemologias hegemônicas. Sob uma visão estritamente eurocentrada, estruturou-se historicamente a falácia de que



os povos originários seriam meros sujeitos folclóricos ou objetos de estudo, desprovidos de agência intelectual e incapazes de produzir saberes válidos (Quijano, 2005). Ao trazer para o centro da prática escolar o protagonismo de figuras contemporâneas que transitam e formulam respostas nos mais diversos campos de poder, a oficina atuou diretamente na desconstrução dessa naturalização do indígena como um ser que "não produz".

Evidencia-se que as contribuições de pensadores e líderes contra hegemônicos desafiam a estrutura do racismo estrutural, que por séculos ditou o que é reconhecido como conhecimento universal. Dessa forma, exige-se do ambiente escolar e, de modo particular, do ensino de Ciências e Biologia, o reconhecimento inegociável de que os povos indígenas são, e sempre foram, produtores ativos de tecnologias, filosofias e saberes indispensáveis à leitura do mundo contemporâneo. Essa perspectiva dialoga com as reflexões apresentadas por Kopenawa e Albert (2015), que evidenciam que os conhecimentos indígenas constituem formas complexas de entender o mundo, a natureza e as interações entre os seres, demonstrando que os povos originários produzem saberes próprios e legítimos sobre o funcionamento dos ecossistemas.

O impacto mais profundo da oficina na dimensão da formação cidadã e da prática docente materializou-se durante as discussões, através do relato de uma estudante sobre um amigo da família de origem indígena. A aluna compartilhou que o rapaz evitava falar sobre sua identidade por se sentir subjugado e temeroso do preconceito. Essa vivência ilustra a tese de Carneiro (2005) sobre a construção do "Outro" como "não-ser", o racismo e a colonialidade operam um apagamento tão violento que o sujeito racializado busca anular a própria identidade para sobreviver socialmente.

Ao expressar que a oficina a fez compreender o potencial da experiência na autoestima desses indivíduos, a estudante evidenciou o poder transformador da representatividade. Para a prática docente, esse momento consolida a premissa de que educar é uma prática de liberdade (Hooks, 2013). A intervenção cumpriu seu papel ao ultrapassar a barreira do currículo prescritivo, mostrando o potencial do educador na construção de um repertório, para que os alunos desconstruam preconceitos arraigados e contribuam com uma visão de sociedade mais justa, plural e decolonial. A experiência reforça que a atuação em sala de aula deve ser um ato contínuo de mediação crítica, a qual possibilita que os estudantes reflitam e



questionem sobre preconceitos historicamente construídos e reforçados pela óptica de globalização, que torna enviesada e ilegítimo a pluralidade e a produção de saberes indígenas presentes na sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada com a oficina "Gigantes da Resistência: Conhecendo Personalidades Indígenas que Fizeram História" revelou-se significativa para a formação docente inicial. O desenvolvimento da atividade permitiu explorar didáticas diferentes do ensino tradicional, além de vivenciar a complexidade de um planejamento pedagógico que exige equilibrar rigor teórico, ludicidade e sensibilidade social.

Conclui-se que o objetivo de valorizar a história e a cultura dos povos originários foi alcançado, não apenas pela transmissão de informações, mas pela promoção de uma postura crítica nos estudantes. A gamificação, materializada no bingo e nos debates, provou ser eficaz para engajar jovens do Ensino Médio em temas complexos. Isso confirma que a educação antirracista e decolonial deve ser, acima de tudo, dialogada e conectada com a contemporaneidade.

Para a futura prática profissional, especialmente no desafio de articular as ciências da natureza com as urgências sociais, esta vivência deixa a lição de que o papel do professor trata-se de atuar como um mediador na articulação entre conhecimentos científicos e questões sociais contemporâneas. A capacidade de ouvir e acolher os relatos dos alunos como o da estudante sobre o silenciamento da identidade indígena de um conhecido, reforça a responsabilidade ética do educador em criar ambientes seguros e estimulantes. A sala de aula mostrou-se como um espaço onde a diversidade deve ser problematizada e reconhecida como parte essencial da nossa constituição.

#### REFERÊNCIAS

CARNEIRO, S. C. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de São Paulo (USP), São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>



FUNDO BRASIL DE DIREITOS HUMANOS. **10 personalidades vivas indígenas que fazem história: Raízes.** [S. l.: s. n., s.d.]. E-book. Disponível em: <http://www.fundobrasil.org.br>.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 286 p.

KOPENAWA, D. ALBERT, B. **A Queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 768p.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia.** 4.ed. São Paulo: Edusp, 2004. 198 p.

LUCIANO, G. J. S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real : os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro.** 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9931>

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. P. 227-278.